

Collor acha que vai disputar com Brizola

HÉLIO DOYLE

BRASÍLIA — O governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, deixa o cargo em abril para se candidatar à Presidência da República. Sem compromisso com a vitória, como ele mesmo diz, mas acreditando que disputará o segundo turno com o ex-governador Leonel Brizola. Collor, 39 anos, acha que o eleitorado fará uma opção pelo novo e pelo moderno, rejeitando os políticos identificados com o que ele chama de velho.

Collor assegura que sua candidatura é fato consumado e, ao contrário do que muitos dizem, não está se lançando para depois barganhar uma candidatura a vice-presidente da República. Chega mesmo a definir o que considera o perfil ideal de seu vice-presidente: do Sul, mais velho e mais conservador do que ele. Collor qualifica-se como de centro-esquerda e recusa o raciocínio de que, se for para o segundo turno com Brizola, ganhará os votos da direita: Brizola é que está fazendo alianças com gente de direita...

A derrota de seu candidato à prefeitura de Maceió (Renan Calheiros, do PSDB, que perdeu para Guilherme Palmeira, do PFL) não desanima o governador de Alagoas. "Se nós tivéssemos ganhado estaríamos melhor", admite, mas lembra que a diferença de votos foi pequena e que ganhou em 63% do Estado. "Das 15 maiores cidades, ganhamos em dez. Das dez maiores, ganhamos em sete", diz ele, fa-

zendo questão de mostrar que ganhou nas maiores cidades do Estado: Arapiraca, Palmeira dos Índios e São Miguel dos Campos. "Ganhamos 28 prefeituras que eram do PFL, perdemos apenas oito para eles", completa.

Collor está agora em busca de um partido, pois deixou o PMDB, pelo qual se elegeu governador, no dia seguinte à aprovação, pela Constituinte, do mandato de cinco anos para Sarney. Diz que pensou primeiro no PSDB, com o qual tem afinidades, mas os tucanos já têm candidato à Presidência, o senador Mário Covas, e Collor não vê sentido em entrar no partido para criar caso. Pensou no PTB, pois seu avô Lindolfo Collor, foi ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, mas esse partido, segundo ele, está descaracterizado e muito à direita. Pensou no PDC, que foi partido de seu pai, o ex-senador e ex-governador Arnon de Mello, mas esse partido também está muito à direita.

Convencido de que o que vai pesar na eleição presidencial é o candidato e não a máquina partidária — ainda mais que a eleição será solteira, é só ela —, Collor não está preocupado em ter um grande partido. Basta, para ele, ter um partido que permita a candidatura. Na campanha, conta principalmente com a televisão e com os debates de que pretende participar em todo o País. "Tenho participado de muitos debates no circuito universitário e tenho gostado", diz.